

Representações de gênero em *Grande Sertão: Veredas*

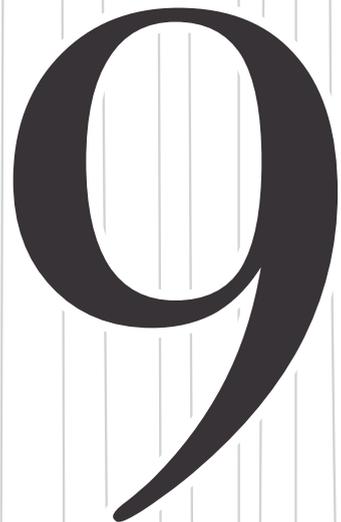
Gender representations in *The Devil to pay in the Backlands*

Jeanne Cristina Barbosa Paganucci

*Mestranda do Programa de Mestrado em Letras: Linguagens e Representações da Universidade Estadual de Santa Cruz. Bolsista da CAPES.
jeannepaganucci@gmail.com*

Sandra Maria Pereira do Sacramento

*Docente, orientadora da pesquisa, professora titular em Teoria da Literatura (UESC/DLA), Doutora em Letras Vernáculas
- Literatura Brasileira pela UFRJ.
sandramsacra@uesc.br*



Resumo

O presente artigo trata a respeito do *campo simbólico* e o modo como se estrutura no social a naturalização do que se concebe das categorias de gênero. Tendo como *corpus* a personagem Diadorim da narrativa roseana, compreendendo a representação de gênero em sua ação estratégica, rumo ao *empoderamento* de direitos, na luta por conquistas e empreendimentos no sociocultural. Para este trabalho, utilizou-se o arcabouço teórico dos seguintes autores: Sobre representação social: Denise Jodelet (2012), Serge Moscovici (2012); No que tange à desconstrução do gênero e demais discussões acerca dos estudos de gênero e feministas: Judith Butler (2014), Pierre Bourdieu (2014), Simone de Beauvoir (2001), entre outros.

Palavras-chave: Campo simbólico; Representação; Gênero.

Abstract

The present article refers to the symbolic field and the way in which the naturalization of what is conceived from the categories of gender structures itself. Having as *corpus* the character Diadorim of the rosean narrative, understanding the representation of gender in its strategic action, towards empowerment of rights, in the battle for achievements and enterprises in the sociocultural. For this work, it was utilized the theoretical framework of the following authors: About social representation: Denise Jodelet (2012), Serge Moscovici (2012); Concerning deconstruction of gender and further discussions about the study of gender and feminists: Judith Butler (2014), Pierre Bourdieu (2014), Simone de Beauvoir (2001), among others.

Keywords: Symbolic field; Representation; Gender.

INTRODUÇÃO

A discussão em torno do feminino e masculino acontece hoje devido à luta, que não deve ser esquecida, do movimento feminista em direção ao questionamento da valorização sociocultural de somente um dos pares da tradição ocidental. O feminismo tem sua origem no século XVIII e desdobrou-se na história em ondas, em prol da conquista por direitos, que envolvem o acesso da mulher à esfera política, ao voto, ao campo profissional, ao mundo das letras, ao salário justo, entre outras demandas.

As ondas do feminismo, pouco divulgadas e mal compreendidas, contam com referências desde o século XVIII na Europa com a francesa Olympe de Gouges. O feminismo no Brasil é dividido da seguinte forma: 1) Primeira onda (século XIX): a luta pela leitura e escrita torna-se evidente; 2) Segunda onda (1870): a educação brasileira é ampliada e a mulher sonha com o direito ao voto; 3) Terceira onda (século XX) é marcada pela cidadania e o direito ao voto (1932), a mulher conquista espaço no trabalho e há uma ampliação da atuação em diversos campos (indústria, hospitais, repartições públicas, etc.); 4) Quarta onda feminista (1975-1985): destaca-se como um dos momentos mais significativos para a produção literária de autoria feminina e sua visibilidade. A partir de 1990, o movimento feminista parece diminuir a marcha com a qual militou nas ondas anteriores, e na discussão atual, contempla os estudos de gênero, a teoria queer, na qual se inclui uma gama enorme de gêneros, como lésbicas, gays, entre outros (DUARTE, 2010).

Percurso da representação fictícia de Diadorim

Não existe um só, mas muitos silêncios e são parte integrante das estratégias que apoiam e atravessam os discursos (FOUCAULT, 2013, p.34).

Toda verdade autoevidente, toda taxonomia, toda referência dentro do mundo, representa um conjunto cristalizado de significâncias e tacitamente aceita nomes; seu silêncio é precisamente o que garante sua importante função representativa: expressar primeiro a imagem e depois o conceito, como realidade (MOSCOVICI, 2012, p.77).

As representações mantêm-se ou mudam, através da comunicação, dos sistemas (valor, ideias, práticas) com intuito de orientar os membros de uma comunidade, para que possam se posicionar no entorno. Em *Grande Sertão: Veredas*¹,

¹ O título da obra roseana aparece em alguns trechos do artigo em abreviatura GS:V.

o narrador, em franca negociação com a representação de gênero, isto é, torna familiar, *naturaliza* para os outros personagens do romance e para o leitor o comportamento masculinizado de Diadorim e investe, assim, na estrutura simbólica do poder, ao travesti-la, de modo performático, em um corpo de homem. Essa familiaridade passa pelo sistema de representação a partir do conhecimento, das trocas de informação, da dialogia, na forma de comunicação entre jagunço e bando, estabelecendo interação entre as partes, conectando o ser e tornando-o familiar. Para Serge Moscovici em *Representações Sociais: Investigações em psicologia social* (2012, p. 30-32),

[...] a observação familiar de que nós não estamos conscientes de algumas coisas bastante óbvias; de que nós não conseguimos ver o que está diante de nossos olhos. É como se nosso olhar ou nossa percepção estivessem eclipsados [...]. [...] nós muitas vezes percebemos que alguns fatos que nós aceitamos sem discussão, que são básicos a nosso entendimento e comportamento, repentinamente transformam-se em meras ilusões. [...] Distinguimos, pois, as aparências da realidade das coisas, mas nós as distinguimos precisamente porque nós podemos passar da aparência à realidade através de alguma noção ou imagem. [...] nossas reações aos acontecimentos, nossas respostas aos estímulos, estão relacionadas a determinada definição, comum a todos os membros de uma comunidade à qual nós pertencemos. [...] Em cada um desses casos, notamos a intervenção de representações que tanto nos orientam em direção ao que é visível como àquilo a que nós temos de responder; ou que relacionam a aparência à realidade; ou de novo àquilo que define essa realidade. [...] no que se refere à realidade, essas representações são tudo o que nós temos, aquilo a que nossos sistemas perceptivos, como cognitivos, estão ajustados.

O óbvio aparente e não transparente era o que o narrador tornava perceptível. Aos olhos dele, Diadorim era apreendida sob a ilusão das aparências, com a imagem sempre definida de uma realidade representada pelo masculino, caracterizada como diferente e aceita sem dificuldade. A representação do masculino em Diadorim, além de ser aceita pelo narrador e seus companheiros, permaneceu intacta, mantida até o final da narrativa. A apresentação do Reinaldo adulto aconteceu da seguinte forma,

Soflagrante, conheci. O moço, tão variado e vistoso, era, pois sabe o senhor que, mas quem, mesmo? **Era o Menino! O Menino, senhor sim, aquele do porto do de-janeiro,**

daquilo que lhe contei, o que atravessou o rio comigo, numa bamba canoa, toda a vida. E ele se chegou, eu do banco me levantei. Os olhos verdes, semelhantes grandes, o lembrável das compridas pestanas, a boca melhor bonita, o nariz fino, afilhadinho. Arvoamento desses, a gente estatela e não entende; que dirá o senhor, eu contando só assim? Eu queria ir para ele, para abraço, mas minhas coragens não deram. Porque ele faltou com o passo, num rejeito, de acanhamento. Mas me reconheceu, visual. Os olhos nossos donos de nós dois. Sei que deve de ter sido um estabelecimento forte, porque as outras pessoas o novo notaram – isso no estado de tudo percebi. O Menino me deu a mão: e o que mão a mão diz é o curto; às vezes pode ser o mais adivinhado e conteúdo; isto também. E ele como sorriu. Digo ao senhor: até hoje para mim está sorrindo. **Digo ele se chamava o Reinaldo** (ROSA, 2006, p. 138, *grifos nossos*).

No campo simbólico, a percepção acerca da personagem é a imagem do menino, denominado Reinaldo, na qual revela a estratégica ação da “dominação masculina” que, para Pierre Bordieu em *A dominação masculina: A condição Feminina e a violência simbólica* (2014, p.11-12) “no modo como é imposta e vivenciada [...] resulta daquilo que eu chamo de violência simbólica, violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas”. Essa relação de domínio, na qual a estratégia do poder violenta com suavidade suas vítimas, no sertão de Rosa, reforça o impacto resultante da mulher que se utiliza do homem representado para atingir, no social, atos conscientes de dominação. No trecho seguinte, o narrador explica quem era o menino Reinaldo:

Conto. Reinaldo – ele se chamava. Era o Menino do Porto, já expliquei. E desde que ele apareceu, moço e igual, no portal da porta, eu não podia mais, por meu próprio querer, ir me separar da companhia dele, por lei nenhuma; podia? **O que entendi em mim: direito como se, no reencontrando aquela hora aquele Menino-Moço, eu tivesse acertado de encontrar, para o todo sempre, as regências de uma alguma a minha família.** Se sem peso e sem paz, sei, sim (*id.*, 2006, p.139, *grifos nossos*).

Algo de familiar chamou a atenção do narrador no que diz respeito ao reencontro com a personagem. A familiaridade correspondia à perda afetiva, isto é, ao momento crucial em que sua mãe falece e a protagonista, ainda criança, presencia. De acordo Moscovici (2012, p.33),

Como pessoas comuns, sem o benefício dos instrumentos científicos, tendemos a considerar e analisar o mundo de uma maneira semelhante; especialmente quando o mundo em que vivemos é totalmente social. Isso significa que nós nunca conseguimos nenhuma informação que não tenha sido distorcida [sic!] por representações “superimpostas” ao objeto e às pessoas que lhes dão certa vaguidade e as fazem parcialmente inacessíveis.

A distorção da representação de Diadorim ocorre de modo a levar o narrador a conceber ideias a respeito da personagem, identificando-a, segundo sua concepção de vida, comum, distante da realidade dos fatos. Desse modo, ninguém está livre dos efeitos condicionantes da sociedade, impostos pelas representações, pela linguagem e cultura. Assim, a linguagem, a comunicação, organiza nosso pensamento e tendemos, irresistivelmente, a participar do social por um sistema condicionado à cultura, atravessado por representações. As convenções subjacentes a que somos expostos direcionam nossos inconscientes acerca da realidade social. Para Judith Butler, em *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade*:

[...] a *representação* serve como termo operacional no seio de um processo político que busca estender visibilidade e legitimidade às mulheres como sujeitos políticos: por outro lado, a representação é a função normativa de uma linguagem que revelaria ou distorceria o que é tido como verdadeiro sobre a categoria das mulheres (2014, p.18 *grifos da autora*).

Baseando-se na teoria de Butler, entende-se que a representação de gênero pode ser uma estratégia para operar a organização sociopolítica, que possa tornar as mulheres visíveis e legitimadas, algo fundamental para que ocupem um *locus* diferenciado no que diz respeito ao poder de decisão. Mas, essa tática requer observar o modo como a representação, enquanto linguagem é capaz de demonstrar o sentido predominante sobre essa categoria, das mulheres. Assim, o presente estudo discute sobre a representação da personagem feminina no texto literário de Guimarães Rosa e coloca-se em tensão, no que tange ao hercúleo movimento de trazer as questões em enfoque, acerca do gênero como representação. O que se confirma na citação abaixo:

Os domínios da “representação” política e linguística estabeleceram *a priori* o critério segundo o qual os próprios sujeitos são formados, com o resultado de a representação só se estender ao que pode ser reconhecido como sujeito.

Em outras palavras, as qualificações do ser sujeito têm que ser atendidas para que a representação possa ser expandida (BUTLER, 2014, p.18).

Essa formação do sujeito no campo da representação, que se supõe que seja a representação social, apresenta a mulher enquanto sujeito, revestida pelos domínios da metafísica ocidental, arraigados em sua estrutura essencialista. Os sujeitos, nesse pensamento, são o resultado do representado, comprometidos com o modo como a política os estruturou, ao longo do tempo, na dinâmica de formação e atuação na sociedade. A comunicação, no que tange à linguagem, moldou a ordem pela qual o sujeito é representado, envolvendo o favorecimento do domínio masculino, nesse campo de manipulação que é o uso da palavra; conforme Bourdieu (2014). E, supostamente, Serge Moscovici concorda com o primeiro, quando afirma:

[...] as representações possuem precisamente duas funções: [...] elas convencionalizam os objetos, pessoas ou acontecimentos que encontram. [...] representações são prescritivas, isto é, elas se impõem sobre nós com uma força irresistível. Essa força é uma combinação de uma estrutura que está presente antes mesmo que nós comecemos a pensar e de uma tradição que decreta o que deve ser pensado (MOSCOVICI, 2012, p.34-36, *grifos nossos*).

A compreensão da lógica de como funcionam as representações nos papéis apontados por Moscovici, reitera a importância dessa pesquisa no que diz respeito à propagação do mito do *eterno feminino* e a presença deste na personagem roseana, entendendo então que há dois núcleos fundamentais, nesse contexto, de análise: 1) a representação que prescreve e convencionaliza, acerca do que seja o masculino e o feminino; 2) as formas de negociação utilizadas pela personagem para a obtenção do empoderamento. Com o intuito de realizar essa representação social, Diadorim tem de se assumir, enquanto sujeito constituído no gênero masculino. Para Teresa de Lauretis (1994, p.208), em *A tecnologia do gênero*:

[...] um sujeito constituído no gênero, sem dúvida, mas não apenas pela diferença sexual, e sim por meio de códigos linguísticos e representações culturais; um sujeito “engendrado” não só na experiência de relações de sexo, mas também nas de raça e classe: um sujeito, portanto, múltiplo em vez de único, e contraditório em vez de simplesmente dividido. [...]. Tal dificuldade, ou seja, a

imbricação de gênero e diferença (s) sexu (ais), precisa ser desfeita e desconstruída. [...] propor-se-ia que também o gênero, como representação e como auto-representação, é produto de diferentes tecnologias sociais, como o cinema, por exemplo, e de discursos, epistemologias e práticas críticas institucionalizadas, bem como das práticas da vida cotidiana.

A autora apresenta a concepção da tecnologia do gênero, em que a construção do gênero e sua manutenção decorrem de relações socioculturais diversas, concebendo ao sujeito do discurso a interpelação em práticas distintas do cotidiano vivenciado, culturalmente. Nesse aspecto, Lauretis (1994, p.208) entende que “[...] o gênero não é uma propriedade de corpos nem algo existente *a priori* nos seres humanos, mas, nas palavras de Foucault, “o conjunto de efeitos produzidos em corpos, comportamentos e relações sociais”, por meio do desdobramento de “uma complexa tecnologia política”. Esses efeitos constituem os mecanismos pelos quais a representação social requer do sujeito, submetidos à atuação, que pode se manter modelado aos padrões sociais já estabelecidos, ou atuar negociando, na busca do *empoderamento*, rompendo, assim, com as ideias estruturantes anteriores, esperadas para cada gênero.

Lauretis (1994, p.209) acredita que o “[...] Gênero é (uma) representação”, contudo, ela entende que o gênero, por esse ângulo, não apresenta implicações (concretas e reais), sociais ou subjetivas, na vida material do sujeito, isto porque entende que “A representação do gênero é a sua construção”. Mas, considerando, conforme Moscovici, que a representação esteja na vida do sujeito, em sua *realidade*, ainda que não conheça seus mecanismos e não tenha consciência da maneira como funcionam, a representação social, em sua construção e modos de legitimar os acontecimentos e ações, afeta todo o universo social, inclusive o gênero como uma construção. Por outro lado, Lauretis (1994, p.209) alega que “A construção do gênero vem se efetuando hoje no mesmo ritmo de tempos passados, como da era vitoriana, por exemplo”, o que vem a corroborar nosso pensamento de que o gênero afeta, modifica e tende a influenciar a vida do sujeito social, principalmente, a partir do momento em que discute sua condição social, consciente de que o gênero é algo que determina, na dinâmica política e sociocultural, o modo como o sujeito participa e passa a existir em sua experiência em sociedade.

Desse modo, o gênero e o chamado *real* são vistos como efeitos da representação, em que o excesso, o não nomeável ganha a dimensão do não

representável. No caso da personagem Diadorim, essa *joga* deliberadamente, com o melhor aceito, que é o gênero masculino, para obter espaço do que a princípio quer negar, o fato de ser mulher. Para Lauretis,

O termo “gênero” é, na verdade, a representação de uma relação, a relação de pertencer a uma classe, um grupo, uma categoria. Gênero é a representação de uma relação, ou, se me permitirem adiantar-me para a segunda proposição, o gênero constrói uma relação entre uma entidade e outras entidades previamente constituídas como uma classe, uma relação de pertencer (LAURETIS, 1994, p.209, *grifos nossos*).

A protagonista do *Grande Sertão*: Veredas escolhe pertencer e participar de uma classe, um grupo e categoria distinta daquela que lhe foi reservada, por condicionamento social e cultural predeterminados, e, ao contrário disso, opta pelo masculino. Concebendo o mundo pelo viés do masculino, constrói em torno de si a imagem do homem, confirmando a escolha, numa construção fixada no sexo-gênero.

Conforme Lauretis (1994, p.211) “[...] gênero não é sexo, uma condição natural, e sim a representação de cada indivíduo em termos de uma relação social preexistente ao próprio indivíduo e predicada sobre a oposição “conceitual” e rígida (estrutural) dos dois sexos biológicos”. Nesse aspecto, Diadorim, representada no masculino, experimenta também as condições físicas e biológicas que o corpo lhe impõe; mesmo realizando tal escolha, obedece aos comandos do corpo. Lauretis (1994, p.211) entende que “Embora os significados possam variar de uma cultura para outra, qualquer sistema de sexo-gênero está sempre intimamente interligado a fatores políticos e econômicos em cada sociedade”, o que esclarece que as concepções culturais de feminino e masculino, como categorias complementares e excludentes, em que os seres humanos são classificados de acordo com valores e hierarquias sociais, são, a nosso ver, representações socioculturais no interior de uma sociedade, firmada pelo condicionamento das relações e dinâmicas desse núcleo social.

Diadorim assume, no sistema sexo-gênero, a construção sociocultural melhor aceita no aparato simbólico do sistema de representação, cujo significado identitário e local, atribui valor, prestígio e *status* na hierarquia social no Sertão. O fato de a personagem representar o masculino subentende, nessa narrativa, que os atributos socioculturais predeterminados, no que tange à escolha realizada pelo masculino, indica que os indivíduos dessa sociedade

primam pela hierarquia, cuja maior importância é atribuída ao homem. A esse respeito, Lauretis observa que (1994, p.215) “[...] A construção do gênero é o produto e o processo tanto da representação quanto da auto – representação”. Na auto – representação, os atores sociais encontram-se dissociados da pauta da tradição e ocupam, quase sempre, papéis que fogem ao esperado pela lógica do poder e da política dominantes.

O conceito de poder, para Michel Foucault (2001), é aquilo que motiva os investimentos realizados pelo indivíduo nas posições discursivas. Nesse aspecto, Lauretis (1994) compreende que esse indivíduo realiza investidas quando se posiciona em um discurso ou não, legitimando o comprometimento emocional no poder relativo, na tríade “satisfação, recompensa, vantagem” em possibilidades, que podem ocorrer ou não. Desse modo, reconstruir o gênero, implicaria o afastamento do referencial androcêntrico, distanciando-se dos moldes de reprodução e discurso da sexualidade masculina. Para Lauretis (1994, p.228),

[...] a construção do gênero ocorre hoje através das várias tecnologias do gênero (p.ex., o cinema) e discursos institucionais (p.ex., a teoria) com poder de controlar o campo do significado social e assim produzir, promover e “implantar” representações de gênero.

A partir daí, cadeias de significantes surgem nas telas do cinema, nos estudos distintos em que as teorias fundamentam princípios geradores de significações. Tais discussões suscitam representações de outros *campos simbólicos*, que podem reforçar as bases norteadoras do conhecimento e do poder, aliando-se a complexas representações, ou, de outra sorte, produzindo novos e amplos significados e significantes na construção do gênero, principalmente, a respeito da feminilidade. Lauretis (1994, p.230) entende que “[...] tal feminilidade é puramente uma representação, um posicionamento dentro do modelo fálico de desejo e significação; não se trata de uma qualidade ou de uma propriedade da mulher”. A representação da feminilidade, fortalecida em bases geralmente dicotômicas homem/mulher, impõe à mulher, uma relação difícil de ser resolvida, cujos aspectos intercambiáveis transitam pelas operações do corpo, da sujeição e da relação docilidade-utilidade (FOUCAULT, 2013).

No caso da personagem em foco, Diadorim, essa, em sua tentativa de representar o homem, *mascara* sua orientação sexual, mas não consegue desvincular-se do feminino por conta do desencadeamento de suas ações. Na tentativa do silenciamento, acaba projetando para o narrador Riobaldo, seu

segredo, a respeito do masculino, como exemplo de como essas narrativas sobre o feminino são construídas. Por outro lado, Simone de Beauvoir (2001, p. 52) observa que “O homem quase não precisa preocupar-se com suas roupas: são cômodas, adaptadas a sua vida ativa, não é necessário que sejam requintadas; mal fazem parte de sua personalidade” e, geralmente, a praticidade está relacionada ao ser homem, caracterizando o porte geralmente simples, fácil de movimentar, livre de fivelas e fitas, sem cores exageradas e tons suaves, delineando o corpo e a desenvoltura adaptável para qualquer situação.

Para a mulher, por outro lado, de acordo Beauvoir (2001, p.53), “[...] as meias rasgam-se, os saltos acalcanham-se, as blusas e os vestidos claros sujam-se, as pregas desfazem-se; entretanto, ela mesma deverá reparar a maior parte dos acidentes”, retomando sempre sua feminilidade imposta, carregada pela esteira social em serviços artesanais, domésticos e formadores de representações do feminino na estrutura sociocultural. O lar, para a mulher, é uma das extensões que ainda alargam a dupla jornada e, para Diadorim, no limiar de suas atribuições na situação de jagunço, era mais apropriado ao seu jeito de ser, lavar e cozinhar também. Em *Grande Sertão: Veredas*, os papéis sociais referentes ao homem e à mulher definem-se da seguinte forma: 1) prostitutas que satisfiziam sexualmente os jagunços: “Nhorinhá, prostituta, pimenta-branca, boca cheirosa, o bafo de menino-pequeno” (ROSA, 2006, p.164); 2) As mulheres submissas, que eram a mãe do narrador, e Otacília, sua esposa “Toda moça é mansa, é branca, é delicada. Otacília era a mais” (*id.*, 2006, p.164). Já Diadorim definia-se como o enigma que não se resolvia, impossível de ser compreendido para o narrador, que, conforme descrevia as atividades do jagunço, contava,

[...] Diadorim estava me esperando. Ele tinha lavado minha roupa: duas camisas e um paletó e uma calça, e outra camisa, nova, de bulgariana. Às vezes eu lavava a roupa, nossa; mas quase mais quem fazia isso era Diadorim. Porque eu achava tal serviço o pior de todos, e também Diadorim praticava com mais jeito, mão melhor. Ele não indagou donde eu tinha estado, e eu menti que só tinha entrado lá por causa da velha Ana Duzuza, a fim de querer o significado do meu futuro. Diadorim também disso não disse; ele gostava de silêncios. [...] Eu atravessava as coisas – e no meio da travessia não vejo! [...] Viver nem não é muito perigoso? (ROSA, 2006, p.35, *grifos nossos*).

Apesar da escolha da personagem pela androginia², como estratégia para a obtenção do *empoderamento*, isto é, como forma encontrada para ser aceita naquela sociedade agrária e inóspita, em que só os homens tinham posição privilegiada, ela é descrita pelo narrador como essencialmente feminina em suas ações. O silêncio que conserva o segredo da personagem é característica de sua trajetória político-pessoal, a qual fortalece a representação do masculino, como de fato estabelece como prioritário e eficaz em sua ação performática. Para Beauvoir (2001, p.54),

[...] na medida em que se sente ainda sem completa segurança no universo masculino, conserva a necessidade de um retiro, símbolo desse refúgio interior que se habituou a procurar em si mesma [...]. Quer viver como um homem e como uma mulher ao mesmo tempo: com isso multiplica seus trabalhos e fadigas.

Diadorim impede qualquer possibilidade de ser reconhecida como uma mulher por Riobaldo. O silêncio é sua maior arma contra a sentimentalidade, as investidas e aproximações do jagunço. Viver, como um homem, implica agir como tal, conservando o corpo distante do sexo, tornando-se segura para se envolver somente com as atividades do sertão, o trabalho, as perseguições, o combate. Movida pelo sentimento da vingança, Diadorim expressa a importância da morte, da luta e do poder. Ser homem não era somente incorporar essa ideia, era, antes de tudo, representar o masculino.

Diadorim, em seu percurso estratégico rumo ao *empoderamento*, permanece na esteira do esperado para o masculino, recria o mundo à sua volta, assumindo um fardo, caminhando na contramão do que foi prescrito para a representação social da mulher naquela sociedade. Diadorim, em sua representação do masculino, não se desvencilha da servidão infinita da mulher, visto que sempre retorna à força implacável do retorno ao *eterno feminino*, de acordo com a descrição do narrador. Por representar o masculino, ainda assim, não representa o homem, o macho, porque sempre é atriz de uma peça,

² O mito do andrógino ampara-se nos cultos lunares primitivos, vinculado à devoção da deusa mãe. Conforme esse mito, o primeiro ser era macho e fêmea, reinando sobre os seres, a natureza e as criaturas. Constituído uma ideia transcendental, era absoluto e primordial, nesse sistema da tradição hermética. Desse modo, a união simbólica dos componentes – masculino/feminino; sol/lua – não se opõe um ao outro, ou seja, não são superiores, mas sim estabelecem uma unidade (DURAND, 1963, pp.312-314). O mito do andrógino em Platão enfatiza o poder capaz de impulsionar o homem a rebelar-se contra a autoridade, isto porque, contendo o masculino/feminino, ganha força e vigor e por conta disso, insurgiram contra os deuses, no que acaba por se dividir em dois, na tentativa de separá-los para fins de manutenção da dominação. A androginia foi mais bem investigada a partir da década de 60, mas aparece, no contexto literário, fictício, nas discussões filosóficas e ganha força na teatralização e no cinema, como exemplo, na ficção de Virgínia Woolf, a obra *Orlando*, cuja repercussão abarca a libertação do que é instituído, numa construção metafórica que se confronta com os valores vigentes.

fortalecida pela pauta da tradição. De acordo Maria Rita Kehl, em *Deslocamentos do Feminino* (2008, p.27),

Manuais de instruções existem, sim, na trama simbólica que constitui a cultura, que nos designa lugares, posições, deveres, traços identificatórios. “Identidade feminina” e “Identidade masculina” são composições significantes que procuram se manter distintas, nas quais se supõe que se alistem os sujeitos, de forma mais ou menos rígida, dependendo da maior ou menor rigidez da trama simbólica característica de cada sociedade.

A trama simbólica em *G S: V* estabelece o lugar *sertão* como um lugar difícil de sobrevivência para a mulher; entretanto, para o homem, reserva a coragem, grandeza e o poder reconhecido. As características da mulher, nessa narrativa, não divergem do padrão tradicional da mulher delicada, ornamentada e preparada para casar e manter biologicamente a reprodução, ainda que Diadorim, forjada no calor do Sertão pelas mãos de João Guimarães Rosa represente o começo de uma ruptura com os papéis tradicionais atribuídos à mulher. Diadorim impõe uma transgressão à ordem das formas rígidas dessa trama simbólica da tradição e instala-se no mundo masculino representando força, poder e ação. Kehl (2008, p.29) afirma que,

Embora homens e mulheres sejam vários diversificados quanto aos modos de inclusão nos universos ditos masculino e feminino, o conjunto de homens raramente esteve em questão quanto ao que os identifica. Por sua vez, o conjunto das mulheres, ao deslocar-se de uma posição construída de modo a completar e sustentar a posição masculina, motivou uma produção de discursos e saberes extremamente prolixa, na proporção direta da perplexidade que este deslocamento produziu (KEHL, 2008, p.29).

Diadorim não apenas deslocou-se da posição construída para o universo feminino, mas rasurou o posto do masculino em sua tentativa do deslocamento na ordem do representado, como jagunço Reinaldo. Ocupando o lugar do homem, estabeleceu para si mesma o segredo, o silêncio e a prerrogativa de delinear estratégias para manter o imaginário de sua tropa, via de regra, seu imaginário do cabra macho. O narrador afirma para o compadre Quelemém que “Sertão é o penal, criminal. Sertão é onde homem tem de ter a dura nuca e mão quadrada” (ROSA, 2006, p. 110). Com essas palavras, o narrador recorre à ideologia comum, a respeito das características dos homens que vivem em lugares como o Sertão, reforçando a crença do homem forte e da mulher frágil. Contudo, Diadorim, de posse das características do homem forte

e idealizado para sobreviver às agruras do Sertão, representa o que Jodelet (2009, p.683) afirma a respeito de “[...] um sujeito que não seria um indivíduo isolado no seu modo de vida, mas seria autenticamente social.” Um sujeito capaz de interiorizar valores e de se apropriar das representações vigentes, pode, ao mesmo tempo, intervir em sua construção. Em síntese, a gênese subjetiva tem uma história, formação e origem, conforme Foucault (2001, p. 590). Segundo o narrador: “Ah, eu estou vivido, repassado. Eu me lembro das coisas, antes delas acontecerem... Com isso minha fama clareia? Remei vida solta. Sertão: estes seus vazios. O Senhor vá. Alguma coisa, ainda encontra” (*id.*, 2006, p.31).

Judith Butler (2014, p.7), em seu *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*, inicia o prefácio do seu livro afirmando que “concluí que problemas são inevitáveis e nossa incumbência é descobrir a melhor maneira de criá-los, a melhor maneira de tê-los”. A filósofa antecipa sua investigação acerca dessa problemática de gênero, com a recordação da infância, cuja centralidade era não ser um problema, quando se refere ao fato de ser: obediente, submissa e condizente com discurso da “lei dominante”, distanciando-se e evitando “ter problemas”. No entanto, Butler entende que a rebeldia e a repressão efeturaram a ação de tornar possível e visível as questões referentes ao gênero, o que vem a reforçar sua tese de que criar problemas não é algo ruim, mas necessário, para poder questionar e possibilitar conflitos para solucioná-los. Nesse sentido, para o “sujeito masculino do desejo”, o problema é algo desafiador, que se distancia da normatividade, causando a contestação à autoridade e lugar reservados ao masculino. Para Butler (2014) “A dependência radical do sujeito masculino diante do Outro feminino expôs repentinamente o caráter ilusório de sua autonomia” e entende que “[...] o poder parecia operar na própria produção dessa estrutura binária em que se pensa o conceito de gênero”, formulando assim questões acerca da “configuração de poder”, que constitui e institui o sujeito, visto na dimensão do Outro em “relação binária”, em que significado e manutenção concorrem para a “estabilidade interna”. Nos moldes dessa relação, Riobaldo procura em Diadorim, travestida de homem, distanciar-se da relação de afetuosidade e interligação, porque está investido na dependência dessa configuração de poder e prescrição da *dominação masculina*. Nas idas e vindas do desassossego referente à Diadorim, o narrador confessa:

Desarreei, peei o animal, caí e dormi. [...] De Diadorim, aí jaz que descansado do meu lado, assim ouvi: — “Pois dorme, Riobaldo, tudo há de resultar bem...” Antes palavras que picaram em mim uma gastura cansada; mas a voz dele

era o tanto-tanto para o embalo de meu corpo. Noite essa, astúcia que tive uma sonhice: **Diadorim passando por debaixo de um arco-íris**. Ah, eu pudesse mesmo gostar dele – os gostares... (ROSA, 2006, p.50 *grifos nossos*).

A passagem pelo arco-íris³, no imaginário popular, diz respeito à possibilidade de troca de sexo-gênero. O narrador, ao abordar tal crença coletiva, resolve questões legitimadas por *representações sociais* intrínsecas, formadas e instituídas no corpo sociocultural, geralmente nos moldes da tradição heteronormativa. Para Butler (2014, p.8) “[...] a personificação de mulheres sugere implicitamente que o gênero é uma espécie de imitação persistente, que passa como real. A performance dela/dele desestabiliza as próprias distinções entre natural e artificial, profundidade e superfície, interno e externo”. A personagem roseana realiza essa desestabilização, ao se impor a substituição de papéis de gênero, com a personificação do homem, em sua realização persistente de teatralização. Essa ação performática, por um lado, desestabiliza o narrador, e, por outro, cria um problema de gênero, reforçando a representação da personagem investida em atos reiterados alusivos a uma categoria distante, ausente, mas que se torna presente, a partir de repetições constantes. Em outro lugar da narrativa do Rosa, o narrador sofisma diante da Diadorim, em seus pensamentos mais profundos:

A vai, coração meu foi forte. **Sofisme! se Diadorim segurasse em mim com os olhos, me declarasse todas as palavras? Reajo que repelia. Eu? Asco!** Diadorim parava normal, estacado, observando tudo sem importância. Nem provia segredo. E eu tive decepção de logro, por conta desse sensato silêncio? [...] Resumo que nós dois, sob num tempo, demos para trás, discordes. Diadorim desconversou, e se sumiu, por lá, por aí, consoante a esquisitice dele, de sempre às vezes desaparecer e tornar a aparecer, sem menos. Ah, quem faz isso não é por ser e se saber pessoa culpada? (ROSA, 2006, p.62 *grifos nossos*).

O narrador, investido na linguagem e também em *instituição falocêntrica* e na *heterossexualidade compulsória*⁴, repele Diadorim em seu

³ Ruth Rocha em seu livro *Faca sem ponta, galinha sem pé* (1983) lança um olhar sobre as relações de gênero, observando que há uma construção psicossocial pela qual meninos/meninas, homes/mulheres estão sujeitos. Nesse livro, a passagem pelo arco-íris possibilita nesse construto imaginário, tornar-se homem ou mulher, deixando de pertencer ao sexo/gênero prescrito ou tido como natural.

⁴ Para Butler (2014, p.9) “Explicar categorias fundacionais de sexo, gênero e desejo como efeitos de uma formação específica de poder supõe uma forma de investigação crítica, a qual Foucault, reformulando Nietzsche, chamou de “genealogia”. A crítica genealógica recusa-se a buscar as origens do gênero, a verdade íntima do desejo feminino, uma identidade sexual genuína ou autêntica que a repressão impede de ver”.

íntimo, reagindo ao sentimento de gostar da personagem, difundindo efeitos dessas instituições do poder que estabilizam o sujeito, realocando cada um em categoria binária (homem/mulher). A heterossexualidade compulsória e o falocentrismo, segundo Butler (2014), resguardam-se como “regimes de poder/discurso”. Nesse aspecto, a filósofa entende que as “fábulas de gênero” movimentam o imaginário, fazendo circular “sua denominação errônea de fatos naturais” e, em GS:V, constata-se a circulação de representação fictícia de outro construto do ser homem/mulher. Na figura de Diadorim, apresentam-se os atos repetidos em teatro encenado, cuja repercussão, no palco do gênero, vai de encontro com essa normatividade acerca do sexo/gênero. Para Riobaldo, a personagem roseana era “culpada” pelas ações que o desestruturavam, buscando na sua ideia de homem imbuído da masculinidade, revestida na heteronormatividade, a explicação eficiente de que havia na figura que o desestabilizava, o efeito da culpa. Acreditava, assim, que o silêncio da personagem concorria como uma forma de resposta para essa representação, fazendo-o retornar ao conforto de sua masculinidade a salvo das investidas contrárias. Para o narrador:

Meu era um alívio. Mesmo não duvidei de meu menos valer: alguém lá tem a feição do rosto igualzinha à minha? Eh, de primeiro meu coração sabia bater copiando tudo. Hoje, eu desconheço o arruído rumor das pancadas dele. Diadorim veio para perto de mim, falou coisas de admiração, muito de afeto leal. Ouvi, ouvi, aquilo, copos a fora, mel de melhor. Eu precisava. **Tem horas em que penso que a gente carecia, de repente, de acordar de alguma espécie de encanto. As pessoas, e as coisas, não são de verdade!** E de que é que, a miúde, a gente adverte incertas saudades? Será que, nós todos, as nossas almas já vendemos? Bobéia, minha. E como é que havia de ser possível? Hem? (ROSA, 2006, p.84).

O narrador, imbuído do poder de decisão, procura em suas divagações, resolver o problema sentimental que invade todo o percurso dessa travessia no sertão roseano. Desse modo, entender que “As pessoas, e as coisas, não são de verdade!” por um momento parece resolver o conflito de gênero que fundamenta todo o seu pensar sobre Diadorim. Mas, flutuações repercutem em torno dessa percepção, por conta daquilo que Butler (2014) identifica como “as qualificações do ser sujeito têm que ser atendidas para que a representação possa ser expandida”. E, nessa representação, as qualificações de Diadorim, enquanto sujeito, não são expandidas, visto que a morte como resolução e o silêncio estabelecido em toda a narrativa, dificulta a circulação e investida

nessa representação fictícia. Michel Foucault (2013, p.10-11) em *História da sexualidade*: a vontade de saber observa que “Se for mesmo preciso dar lugar às sexualidades ilegítimas, que vão incomodar noutra lugar: que incomodem lá onde possam ser reinscritas, senão nos circuitos da produção, pelo menos nos do lucro” e enfatiza que “Somente aí o sexo selvagem teria direito a algumas das formas do real, mas bem insularizadas, e a tipos de discurso clandestinos, circunscritos, codificados. Fora desses lugares, o puritanismo moderno teria imposto seu tríplice decreto de interdição, inexistência e mutismo”. Por esse prisma, Diadorim é uma espécie de circunscrição do discurso, clandestino em si, nos domínios da representação social, daquilo que é codificado, nos meandros do corpo, do desejo; contudo, isolando o ato sexual, porque se distancia dos efeitos do desejo, para compor sua representação masculina, tornando essa apresentação possível e convincente. Nas palavras do narrador:

Aí, de repente, vi um menino, encostado numa árvore, pitando cigarro. Menino mocinho, pouco menos do que eu, ou devia de regular minha idade. Ali estava, com um chapéu-de-couro, de sujigola baixada, e se ria para mim. Não se mexeu. Antes fui eu que vim para perto dele. Então ele foi me dizendo, com voz muito natural, que aquele comprador era o tio dele, e que moravam num lugar chamado Os-Porcos, meio-mundo diverso, onde não tinha nascido. Aquilo ia dizendo, e era um menino bonito, claro, com a testa alta e os olhos aos-grandes, verdes (ROSA, 2006, p.102 *grifos nossos*).

Nesse excerto da narrativa, Riobaldo se depara com Reinaldo pela primeira vez. Nessa passagem do GS:V denota o que Foucault (2013) entende como “transgressão das leis, uma suspensão das interdições, uma irrupção da palavra, uma restituição do prazer ao real, e toda uma nova economia dos mecanismos do poder”, respaldando o que observamos a respeito do início de uma tomada diferente de reinscrever o gênero no imaginário literário, cujo mecanismo, realiza a transgressão na imagem exposta de Diadorim. Para Butler (2014, p.20) “[...] o gênero nem sempre se constitui de maneira coerente ou consistente nos diferentes contextos históricos, e porque o gênero estabelece intersecções com modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais e regionais de identidades discursivamente constituídas” e afirma que isso “Resulta que se tornou impossível separar a noção de “gênero” das intersecções políticas e culturais em que invariavelmente ela é produzida e mantida”. Vê-se em GS:V a representação do gênero como um reconhecimento acerca das categorias (masculino/feminino) investidas pelo patriarcado universal, ostentados no passado, percebendo também os traços da opressão na história das mulheres,

inscrita na cultura que reincidia na subordinação e hegemonia masculinista. Por esse viés, reconhecer a noção binária (masculino/feminino), nessa narrativa, contribui na presente investigação para o enfoque de uma espécie de descontextualização das normas instituídas pelo poder dominante. A questão indenitária da Diadorim, na retomada do gênero, insinua-se, através de sua *performatividade*, com ganho singular de enquadramento dessa representação na literatura brasileira. Numa outra passagem, o narrador afirma:

Mas eu olhava esse menino, com um prazer de companhia, como nunca por ninguém eu não tinha sentido. Achava que ele era muito diferente, gostei daquelas finas feições, a voz mesma, muito leve, muito aprazível. Porque ele falava sem mudança, nem intenção, sem sobêjo de esforço, fazia de conversar uma conversinha adulta e antiga. Fui recebendo em mim um desejo de que ele não fosse mais embora, sem parolagem miúda, sem brincadeira – só meu companheiro amigo desconhecido. Escondido enrolei minha sacola, aí tanto, mesmo em fé de promessa, tive vergonha de estar esmolando. **Mas ele apreciava o trabalho dos homens, chamando para eles meu olhar, com um jeito de siso.** Senti, modo meu de menino, que ele também se simpatizava a já comigo (ROSA, 2006, p.103 *grifos nossos*).

Na memória do narrador, Diadorim repercute como voz “muito leve” e “muito aprazível”, destoando de todas as representações do masculino nas paragens do sertão roseano. Ali, a representação do gênero se debate com a *representação ampla* e irônica, cuja consequência constitui *reivindicações representacionais*. Conforme Butler (2014, p.22) “as estratégias sempre têm significados que extrapolam os propósitos a que se destinam”. Obviamente, Diadorim excluía-se de atividades específicas para o masculino, mas extrapolava o representado ao conferir significado intencional à sua busca pela teatralização investida em linguagem e política. Nessa representação de gênero, acontece uma espécie de liberdade constituída e edificada na *anti-identidade* que revisa a *identidade* já reconhecida e amparada na cultura, dentro das normas heteronormativas (BUTLER, 2014). O que o narrador, dentro dessa problemática em torno do gênero, desejava era, em suas palavras “Eu queria que ele gostasse de mim” (ROSA, 2006, p.104). Outra vivência é compartilhada por Riobaldo no fragmento abaixo:

Saiba o senhor, o de-Janeiro é de águas claras. E é rio cheio de bichos cágados. Se olhava a lado, se via um vivente desses — em cima de pedra, quentando sol, ou nadando

descoberto, exato. Foi o menino quem me mostrou. E chamou minha atenção para o mato da beira, em pé, paredão, feito à régua regulado. — “As flores...” — ele prezou. No alto, eram muitas flores, subitamente vermelhas, de olho-de-boi e de outras trepadeiras, e as roxas, do pucunã, que é um feijão bravo; porque se estava no mês de maio, digo — tempo de comprar arroz, quem não pôde plantar. Um pássaro cantou. Nhambú? E periquitos, bandos, passavam voando por cima de nós. Não me esqueci de nada, o senhor vê. **Aquele menino, como eu ia poder deslembrar?** Um papagaio vermelho: — “Arara for?” — ele me disse. E — quê-quê-quê? — o araçari perguntava. **Ele, o menino, era dessemelhante, já disse, não dava minúcia de pessoa outra nenhuma. Comparável um suave de ser, mas aseado e forte — o senhor represente. As roupas mesmas não tinham nódoa nem amarrotado nenhum, não fuxicavam. A bem dizer, ele pouco falasse.** Se via que estava apreciando o ar do tempo, calado e sabido, e tudo nele era segurança em si (*id.*, 2006, p.104).

A retomada do narrador pelo encontro com Diadorim proporciona a *presença na ausência*, reparando nos idos do passado, a repercussão de importância maior para o entendimento acerca do que a personagem representa e em que base se sustenta no social. A dessemelhança com qualquer outro menino, aliado ao silêncio, ao pouco falar, fortalecia a base com a qual Reinaldo/Diadorim, em sua representação, retomasse o eterno feminino, num retorno construído e teorizado em *artifício flutuante*, ou seja, somente, nesse construto, era possível transitar pelas categorias de gênero sem prejuízo de se distanciar do feminino. Conforme Butler (2014, p.24 *grifos nossos*),

Concebida originalmente para questionar a formulação de que a biologia é o destino, a distinção entre sexo e gênero atende à tese de que, por mais que o sexo pareça intratável em termos biológicos, o gênero é culturalmente construído: consequentemente, não é nem o resultado causal do sexo, nem tampouco tão aparentemente fixo quanto o sexo. **Assim, a unidade do sujeito já é potencialmente contestada pela distinção que abre espaço ao gênero como interpretação múltipla do sexo.** Se o gênero são os significados culturais assumidos pelo corpo sexuado, não se pode dizer que ele decorra, de um sexo desta ou daquela maneira. Levada a seu limite lógico, a distinção sexo/gênero sugere uma descontinuidade radial entre corpos sexuados e gênero culturalmente construídos.

Desse modo, Butler (2014) entende que o gênero passa a se tornar um *artifício flutuante* em consequência de que ser homem (masculino) pode significar, facilmente, poder ser um “corpo feminino como um masculino”, e, por outro lado, mulher (feminino) também, transitar pelo seu contrário. Essa questão resulta em uma problemática acerca do gênero, repercutindo no “caráter imutável do sexo” (contestável), visto por Butler como uma construção cultural, por conta dessa distinção sexo/gênero parecer revelar-se “absolutamente nenhuma” no decorrer do tempo, em se tratando da história da sexualidade e do gênero. Butler (2014, p.26 *grifos da autora*) questiona se “Haverá “um” gênero que as pessoas *possuem*, conforme se diz, ou é o gênero um atributo essencial do que se diz que a pessoa é, como implica a pergunta “Qual é o seu gênero? ””. A representação de gênero no GS:V perpassa por essa problemática, de captar a flutuação do gênero em Diadorim, em trânsito, mas sempre em retorno ao *eterno feminino*, no *campo simbólico e dominação masculina* de uma cultura.

CONCLUSÃO

Se as identidades deixassem de ser fixas como premissas de um silogismo político, e se a política não fosse mais compreendida como um conjunto de práticas derivadas dos supostos interesses de sujeitos prontos, uma nova configuração política surgiria certamente das ruínas da antiga (BUTLER, 2014, p. 213).

Para análise da supramencionada narrativa e personagem, o ponto de partida foi a investigação sobre a representação de gênero nessa prosa, em seu construto favorável à discussão em torno das normas opressivas que ao longo do tempo inscreveram a mulher dentro de leis que regularam o modo como estas devem se comportar e atuar no cenário sociocultural e político. Assim, Diadorim, em nossa análise, negocia a representação tanto do homem, investido no poder e na política do sertão, quanto do retorno ao *eterno feminino*. Ao se voltar, estrategicamente, para o campo de origem simbólica, que divide a representatividade, acaba por *engendrar* questões aqui discutidas e expostas.

Após um estudo nos domínios do narrado, verificando o sertão roseano formador de lei reguladora propícia ao entendimento da estratégica *ação performática* utilizada por Diadorim, evidenciou-se a mesma ancorada no *essencialismo estratégico* ou *eterno feminino* como forma segura encontrada para atuar no sertão, representando o masculino, rumo ao *empoderamento* de

direitos. Utilizamos a *forma* do literário, mas entendemos também que o texto acena para o contexto, cujo enunciado responde pela ação de sujeitos sociais envolvidos em representações, entre outras, a de gênero, que explicitam relações hierarquizadas e mediadas pela linguagem, que se impõem pela tradição e perpetuam-se pelo poder simbólico. Desse modo, o *campo simbólico* (BOURDIEU, 2014), nesse construto do Rosa, é visivelmente impactante, promove a representação do jaguncismo, da mulher Diadorim investida no andrógino.

A mulher, nesse contexto, encarna a narrativa do masculino e, a partir deste, o feminino se reconhece como fazendo parte de um *campo simbólico*, que a precede, com destaque somente nas características atribuídas ao ser fêmea, que, desde o nascimento, coloca-se destituída de voz, mas hábil no trato dos afazeres domésticos e na facilidade de realizar atividades destinadas a ela. Por outro lado, Diadorim, na condição do masculino, também reforçada pela descrição de Riobaldo ao compadre Quelemém, surge, no amparo da condição do masculino, em sua investida ao já posto e legitimado, através da violência, e empreende mudanças no *conhecido e familiar*, com o uso da *ação, juízo e valor*. Diadorim simbolizada pelo externo, na imagem do menino, logo depois do jagunço, cabelos curtos e pitando cigarro, distancia-se da materna imagem da mulher e de sua ligação com a reprodução, porque o corte de cabelo encerra o distanciamento do mundo feminino (BOURDIEU, 2014). A narrativa trabalha, em cada passagem, na construção simbólica do masculino e na inscrição do feminino presentificado, ou seja, na dualidade do gênero, enquanto *performance*.

Narrada pelo homem, a exemplo da primeira mulher, Eva, Diadorim é vista em sua *performance*, mas *engendrada* nos recônditos do domínio masculino, como mulher no papel em questão. Das teorias de gênero utilizadas nessa análise, verificou-se que, ainda que a mulher esteja investida nas características do imaginário simbólico masculino, não se desvencilha do retorno ao *eterno feminino*, porque a falta de *empoderamento* de direitos observada nessa prosa repercute nos limites da cultura, do poder, da regulação e manutenção de parâmetros definidores do sentido, no campo da presença.

Desse modo, o par sexo/gênero, ponto primordial da política feminista, é não somente desmontado por Butler, mas também questionado, enquanto categoria no funcionamento da metafísica. Para nossa discussão, Diadorim negocia com a representação de gênero, ao assumir a identidade masculina e a teatralização da guerra; entretanto, retorna ao mito do *eterno feminino*, na medida em que exercia os afazeres domésticos de acordo com o esperado para

a mulher; neste sentido, percebe que a categoria de gênero não é fixa, mas se mantém pela pragmática da repetição. Portanto, Diadorim, personagem do sertão roseano, inscrita narrativa pelo masculino, negocia com a representação de gênero de forma teatralizada e investe-se no poder de decisão no campo sociocultural daquele contexto. Desestabiliza com sua força o campo literário, porque empreende ação distinta, se comparada a muitas outras personagens, inscritas na subalternidade.

Referências

- BEAUVOIR, Simone. *A mulher independente*. Rio de Janeiro: Pocket Ouro, 2001. Tradução de Sérgio Milliet.
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina: a condição feminina e a violência simbólica*. Tradução Maria Helena Kühner. – 1ª ed. – Rio de Janeiro: Bestbolso, 2014.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade*. – 4ª ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014. Tradução: Renato Aguiar.
- DUARTE, Constância Lima (Orgs.). *Dicionário bibliográfico de escritores mineiros*. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010. [Colaboradores Ana Caroline Barreto, Bruno da Costa e Silva, Juliana Cristina de Carvalho et al].
- DURAND, Gilbert. *Les structures anthropologiques de l'imaginaire*. Introduction à l'archétypologie générale, Paris: Presses Universitaires de France, 1963.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 1 : A vontade de saber*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. – 23ª ed – Rio de Janeiro, Edições Graal, 2013.
- _____. *Dits et écrits*. Édition Établie sous la direction de Daniel Defert et François Ewald. Collaboration de Jacques Lagrange, Vol. I et II. Paris. Quarto Gallimard, 2001.
- JODELET, Denise. *O movimento de retorno ao sujeito e a abordagem das representações sociais*. Sociedade e Estado, Brasília. v. 24, n.3, p. 679-712, set./dez.2009.
- KEHL, Maria Rita. *Deslocamentos do Feminino*. 2. Ed. Rio de Janeiro: Imago, 2008.
- LAURETIS, Teresa de. A tecnologia do gênero. In: In: Heloisa Buarque de Hollanda (org.). *Tendências e impasses – O feminismo como crítica da cultura*. – Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- MOSCOVICI, Serge. *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Traduzido do inglês por Pedrinho A. Guareschi. 9. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- ROCHA, Ruth. *Faca sem ponta, galinha sem pé...* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.
- ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

